



SINTAXE EM FOCO: UM ESTUDO DOS SINTAGMAS MAIS RECORRENTES NA ORALIDADE DO INGLÊS AFRO-AMERICANO

SYNTAX IN FOCUS: A STUDY OF THE MOST RECURRENT SYNTAXES IN THE SPOKEN AFRICAN ENGLISH

Ana Caroline B. de Souza

Universidade Federal de Campina Grande

<https://orcid.org/0009-0008-4045-2737>

carolinebarbosa3445@gmail.com

Cleydstone Chaves dos Santos

Universidade Federal de Campina Grande

<https://orcid.org/0009-0002-7909-6350>

cleydsone.chaves@professor.ufcg.edu.br

Resumo: No cenário da sociolinguística voltado para o Inglês Afro-American (AA), alguns estudos geralmente apontam seu contexto de uso bem como características dos falantes desse dialeto (Wardhaugh & Fuller, 2015). Como resultado, esses estudos acabam negligenciando questões micro linguísticas de natureza estrutural sintática (Burton-Roberts, 2022), contribuindo para uma limitação da literatura acerca dessa questão. Em vista disso, considerando as características sintáticas-estruturais do AA (Green, 2002) bem como estudos dos demais dialetos americanos (Schilling & Wolfram , 2016), este artigo investiga as características sintáticas de sintagmas verbais utilizados na oralidade do AA. Essa investigação partiu da identificação seguida da descrição e enfim a categorização sistemática das características sintáticas do sintagma verbal utilizados em contexto de fala. Para tanto, foram analisados excertos do Corpus de Inglês Contemporâneo Americano (COCA). Nesse corpus, é possível realizar o rastreamento de diversos contextos de fala e escrita através de sua ferramenta de busca. Os sintagmas verbais analisados foram o aspecto *be* e o elemento *ain't*. Como resultado, suas características sintáticas mais recorrentes foram: dupla negativa, elipses de verbos auxiliares, além de neutralidade de sintagmas verbais na categoria tempo-aspecto.

Palavras-chave: Inglês afro-americano. Sintagmas recorrentes. Categorização de estruturas sintáticas.

Abstract: In the sociolinguistics area focused on African-American English (AAE), some studies generally point out its context of use as well as the characteristics of the speakers of this dialect (Wardhaugh & Fuller, 2015). As a result, these studies end up neglecting micro-linguistic issues of a syntactic structural characteristic (Burton-Roberts, 2022), contributing to a limitation of the literature on this issue. Therefore, considering the syntactic-structural characteristics of AAE (Green, 2002) as well as other American dialects (Schilling & Wolfram, 2016), this article aims to investigate the syntactic characteristics of verbal syntagms used in AAE orality. This investigation started with the identification, followed by the description and finally the systematic categorization of the syntactic characteristics of the verbal syntagms used in a speech context. For this purpose, excerpts from the Corpus of Contemporary American English (COCA) were analyzed. In this corpus, it is possible to track various spoken and written contexts through its search tool. The verbal phrases analyzed included the aspectual *be* and the element *ain't*. As a result, their most recurrent syntactic characteristics were:



double negation, ellipsis of auxiliary verbs, and the neutrality of verbal phrases in the tense-aspect category.

Key words: African American English. Recurrent syntagms. Categorization of syntactic structures.

Introdução

A análise sintática de idiomas é uma área de pesquisa fundamental para melhor compreensão a respeito da estrutura e formação de sentenças de uma língua, seja ela escrita ou falada (Burton-Roberts, 2022). Ao estudar a sintaxe de uma língua, é possível compreender suas complexidades culturais e sociais representadas através das palavras. Estudar a estrutura de um idioma é de interesse para a sintaxe, da mesma maneira como para o ramo sociolinguístico, buscando compreender a sistematização dos dialetos do idioma em questão. Neste estudo, é voltada a atenção para o Inglês Afro-Americano, dialeto na Língua Inglesa.

Dialetos são variações linguísticas que se manifestam em qualquer língua e por qualquer grupo de falantes dessa língua (Wolfram e Shilling, 2016). Pesquisas que possuem a atenção voltada para um dialeto em específico fazem-se necessárias para uma melhor compreensão das diferentes manifestações do comportamento humano através da linguagem. Wolfram e Shilling (2016) argumentam que o estudo de dialetos na linguística pode ser um suporte de maior compreensão para as mudanças da língua, que ocorrem através do tempo e do espaço no qual está inserida. Além disso, os autores complementam que, além do uso frutífero para a linguística, essa área de discussão proporciona uma extensão social para outras áreas do conhecimento, como história, sociologia e geografia.

Tratando-se da Língua Inglesa, um dos dialetos estudados é o Inglês Afro-Americano (IAA), intitulado também de *Negro English*, *African American Vernacular English*, *Black English*, dentre outras intitulações, como menciona Green (2002). Dentro da área de pesquisa a respeito dos dialetos, estudos sintáticos desempenham um papel de grande importância na manifestação da identidade cultural e na transmissão de significados que muitas vezes são únicos e distintos. Pesquisas sobre a estrutura desse dialeto são comumente desvalorizadas, já que o IAA é visto por muitos como um dialeto de menor prestígio. Portanto, faz-se necessário perante a escassez e desprestígio de estudos que investiguem e discutam a respeito dos padrões sintáticos dele.

Sendo assim, ao analisar o IAA, este estudo tem como principal objetivo investigar os padrões sintáticos mais recorrentes transmitidos na oralidade dos falantes afro-americanos de Língua Inglesa nesse dialeto e, de modo mais específico, identificar, descrever e categorizar estes sintagmas de acordo com a sua constituição sintática (Burton-Roberts, 2022). Para tal realização, foram rastreados excertos orais do Corpus Linguístico de Inglês Contemporâneo Americano (COCA) e analisados segundo os estudos sintáticos de Green (2002) sobre o IAA e os estudos sintáticos amplos de Burton-Roberts (2022).

1. Revisão de Literatura

Compreender o que é um dialeto, os impactos das visões sociais e o que é o IAA são pontos cruciais que devem ser tomados antes da análise e discussão dos dados. Para tanto, essa seção consiste em duas partes para melhor compreensão do tema tratado. A primeira parte volta-se para debates a respeito do termo dialeto e pontos sociolinguísticos quanto ao mesmo, assim



como para pontos de vista a respeito da linguagem padrão. Na segunda, aborda sobre o dialeto central desse artigo, o IAA.

1.1 Dialetos e a linguagem padrão

Toda língua falada é oralizada de maneiras distintas. Mesmo em uma única comunidade, o idioma pode ser falado de maneiras diferentes pelos seus membros, tornando-o exposto à variação. Nesse sentido, a língua passa por alterações através de seus indivíduos, ou seja, os falantes da língua. Isto é o que Nascimento defende em sua obra, publicada em 2019:

Se, por um lado, o sujeito se submete à língua, por outro, a língua muda por meio do sujeito e das convenções criadas através da língua que não são autoconscientes. Por isso, as línguas têm sujeitos por trás delas. (Nascimento, 2019. p. 20)

Assim, podemos entender que, se a língua é moldada pelos sujeitos e esses são diversos entre si, logo a língua também irá expressar tal diversidade. Wolfram e Schilling (2016) afirmam que línguas são amplamente manifestadas através de seus dialetos e que falar uma língua é falar algum dialeto dessa língua. Dialeto é um termo utilizado para se referir a qualquer variação linguística compartilhada por um grupo de falantes. Essa variedade é definida por Mané (2012. p.43) como “uma modalidade falada por uma comunidade constituída por pessoas que partilham um código linguístico comum e normas (regras) que regem as suas diversas variedades de fala”. Este é o caso da Língua Inglesa, um idioma amplamente falado por muitos países ao redor do mundo (Jamaica, Austrália, Angola, Reino Unido, Canadá, Nova Zelândia etc.), que também passa por alterações por meio de seus falantes através do tempo.

Em estudos sobre a Língua Inglesa, assim como em outros idiomas, é comum que a discussão seja direcionada para as características fonéticas, semânticas e sintáticas voltadas para o inglês padrão. Isso é ensinado em escolas, usado em livros e jornais, socialmente visto como o “inglês ideal”. Trudgill e Hannah (2013) sustentam que

(...) este tipo de inglês é chamado “padrão” porque foi submetido a uma normalização, o que significa que foi sujeito a um processo através do qual foi selecionado, codificado e estabilizado, de uma forma que outras variedades não o fizeram.¹ (Trudgill e Hannah, 2013. p.1)

Os autores argumentam que a padronização e o tratamento de linguagem ideal com um idioma acontece através de uma decisão oficial feita em algum momento para um dialeto em particular. Entretanto, eles afirmam que com o inglês padrão, esse processo ocorreu de modo mais gradativo. Tal dialeto foi desenvolvido na corte real de Londres. Com a alta concentração da elite naquele local, o dialeto regional, chamado pelos autores de “inglês pré-padrão”, era predominante na cidade. Porém, devido ao fato de estar vinculado a pessoas que eram nativas de outros lugares (e segundo registros mais antigos), este também é um dialeto misto (Trudgill e Hannah, 2013).

¹Original: “*this type of english is called "standard" because it has undergone standardization, which means that it has been subjected to a process through which it has been selected, codified and stabilized, in a way that other varieties have not*” Tradução realizada pela ferramenta DeepL Translate em 08/06/2024 – Revisão autoral.



Desde aquela época, essa linguagem estava vinculada à alta classe social e não era associada a trabalhadores comuns e aos campões. Portanto, a alta sociedade aprendeu esta linguagem e começou a utilizá-la em sua escrita e assim, tornou-se amplamente aceita devido ao grande status social, poder e prestígio (Trudgill e Hannah, *op.cit*). Wolfram e Shiling (2016. p.34) explicam que:

As diferenças de status social desempenham um papel não apenas na variação do idioma no espaço, mas também na mudança do idioma ao longo do tempo. Às vezes, supõe-se que a mudança no idioma começa nas classes mais altas, talvez porque os falantes dessa camada social sintam a necessidade de se distanciar o máximo possível das classes mais baixas que se esforçam para imitá-los.²

As diferenças sociais afetam tanto a variação quanto a mudança da língua. Atualmente, o inglês padrão é ensinado para todos os cidadãos de Londres, mostrando-se ser um dialeto social, como sugerem os autores. A linguagem utilizada por trabalhadores de baixa classe social ainda é vinculada a um olhar preconceituoso e de menor prestígio social.

Em seu trabalho, Mané (2012) utiliza como exemplo de dialeto variações da Língua Inglesa na América do Norte:

Na América do Norte, por exemplo, o chamado “bad English” é considerado um dialeto da classe baixa. Automaticamente, a linguagem falada pelas classes mais altas é vista como a forma correta de expressão. Nesses termos, o dialeto passa a ser uma linguagem excluída de uma sociedade de hábitos linguísticos ditos “polidos”. (Mané, 2012. p. 43)

Um exemplo de dialeto que é conhecido e nomeado muitas vezes como “bad English” é o *African American English*, traduzido aqui como Inglês Afro-American (IAA) que será tratado com mais detalhes na próxima seção. O IAA é visto por alguns indivíduos, e até mesmo afro-americanos, como uma prova de que pessoas negras não têm a capacidade de falar ou aprender (Green, 2002).

Para alguns afro-americanos, a referência ao IAA como uma variedade legítima é uma fonte de constrangimento, uma vez que transporta consigo o estigma da inferioridade e o estereótipo de que os afro-americanos não conseguem falar (ou aprender a falar) o inglês padrão. Da parte deles, a questão é simples: IAA é a utilização incorreta do inglês tradicional, e não utilizar corretamente a norma sugere que os falantes são ignorantes, preguiçosos ou ambos (Green, 2002. p. 221).³

²Original: “Social status differences play a role not only in language variation across space but also in language change over time. It is sometimes assumed that language change begins in the upper classes, perhaps because speakers in this social stratum feel a need to distance themselves as far as possible from the lower classes who strive to emulate them.” Tradução realizada pela ferramenta DeepL Translate em 15/08/2024 – Revisão autoral.

³ Tradução automática de: “For some African Americans, reference to AAE as a legitimate variety is a source of embarrassment, as it carries with it the stigma of inferiority and the stereotype that African Americans cannot speak (or learn to speak) mainstream English. On their part, the issue is simple: AAE is the incorrect use of mainstream English, and not using the standard correctly suggests that speakers are ignorant, lazy or both” – realizada pela ferramenta DeepL Translate em 08/06/2024 com revisão autoral.

Esse ponto de vista perpetua ideias negativas atreladas a pessoas de cor, que são os usuários desse dialeto. Ideias que foram criadas e estabelecidas por um olhar colonial e escravocrata que vincula o comportamento de um povo em específico a algo com menor valor, visto com um olhar preconceituoso. A classe social e a cor de um indivíduo influencia na maneira com a qual ele é visto e ouvido pela sociedade. É possível considerar estes fatores como motivos para a maneira com a qual estudos para certos dialetos são tratados e discutidos.

A seção a seguir será voltada para discussões sobre o IAA considerando sua origem e estudos voltados para tal.

1.2 Inglês Afro-Americano

Na Língua Inglesa, existe a presença de dialetos assim como em qualquer outro idioma. Um exemplo disso é o IAA. Esse é um dialeto que, como qualquer outro, possui características fonológicas, lexicais, sintáticas e semânticas. Ele é amplamente utilizado por afro-americanos onde, nos Estados Unidos da América, assim como outras variações linguísticas em diversos lugares, tende a ser visto com preconceito linguístico.

Um dialeto pode ser formado a partir do estabelecimento de um povo em determinado local pela migração, contato com outra língua, colonização, entre outros fatores (Wolfram e Shilling, 2016). Entretanto, a origem do IAA ainda é um enigma para os estudiosos. Sabe-se que sua história se deu nas comunidades afro-americanas, mas sua determinação ainda é desconhecida. Hipóteses anglicistas apontam que o IAA foi criado a partir de uma língua crioula que surgiu do contato entre europeus e africanos, sendo estes escravizados (Wolfram e Shilling, 2016). Da mesma forma, Green (2002) apresenta algumas discussões que sugerem o IAA como um dialeto nascido de um creoulo, e outras discussões que se atentam para as condições históricas a partir da escravidão e condições nas plantações, e fatores como a disparidade de porcentagem entre africanos e brancos, como um efeito para o desenvolvimento desta variação. A autora afirma que para alguns afro-americanos, assim como muitos outros, o IAA é visto como uma evidência de que pessoas negras não têm a capacidade cognitiva para desenvolver a Língua Inglesa adequadamente, como discutido brevemente na seção anterior.

Mesmo com essa perspectiva, alguns sociolinguistas buscam trabalhar com o IAA, procurando compreender não somente a sua origem, mas suas características micro linguísticas, como seus valores semânticos, fonéticos, lexicais e estruturais. O trabalho voltado para essa variação tem gerado discussões no último meio século, com publicações de estudos que são devotas ao IAA (Schneider 1996; Patrick 2009; Rickford, Sweetland, Rickford, and Grano 2013 *apud* Wolfram e Shilling, 2016) e que apresentam um pouco de sua origem, características gramaticais e semânticas. Apesar de tais estudos, o conhecimento acerca do IAA é limitado. Debates sobre a variação linguística na Língua Inglesa acabam deixando por escanteio conversas sobre estudos voltados para a sintaxe do IAA, tornando essa uma área escassa.

Como dito anteriormente, estudos voltados para dialetos ajudam a compreender a maneira com a qual os usuários de uma língua são capazes de transformá-la e como a transformam. Isso contribui também para um melhor entendimento quanto aos próprios usuários e seus costumes. Estudar a estrutura de uma língua dialoga também com todos esses fatores, tornando possível abranger a ciência acerca de um idioma.

A partir disso, a discussão sobre a estrutura sintática do IAA faz-se necessária para compreender como os seus usuários utilizam a Língua Inglesa e como os componentes das sentenças se relacionam entre si. Para tanto o presente trabalho tem como objetivo central a investigação de sintagmas recorrentes no IAA por meios de excertos retirados do Corpus de



Inglês Americano Contemporâneo⁴ (COCA). A partir desta investigação, realizar a identificação, descrição e categorização destes sintagmas disponibilizados através da busca no corpus de pesquisa.

2. Metodologia

2.1 Tipologia da pesquisa

Moreira e Caleffe (2006) descrevem uma pesquisa de cunho qualitativo quando ela não pode descrever facilmente características por meio de números de indivíduos e/ou cenários. Eles complementam que nesses estudos, os dados são geralmente verbais e coletados por meio de observação, descrição e registro. Nesse sentido, este artigo pode ser caracterizado como qualitativo (Moreira; Caleffe, 2006), pois explora as características de um dialeto para descrever suas características verbalmente. Da mesma forma, este artigo também se enquadra como quantitativo, já que apresenta numericamente a frequência de sintagmas verbais no IAA (Moreira; Caleffe, 2006).

2.2 Instrumentos de pesquisa

Os instrumentos utilizados para tal pesquisa foram o Corpora de Inglês Contemporâneo Americano (COCA) e o site gerador de árvores sintáticas. Ambos foram utilizados para a melhor avaliação e categorização dos sintagmas em relação a constituição sintática nos excertos analisados (Burton-Roberts, 2022).

Através do corpus linguístico de pesquisa, COCA, foi realizado o rastreamento de sintagmas verbais disponibilizados online pela plataforma utilizando características sintáticas estudadas com base em Burton-Roberts (2022). Abaixo tem-se a imagem da interface de pesquisa do COCA com a palavra "ain", que se refere ao elemento *ain't*.

Figura 1 - Interface do COCA.



Fonte: COCA Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/>

Após a realização da pesquisa na aba *chart*, o site apresenta a frequência com o qual o presente sintagma ocorre baseando-se na quantidade de contextos disponibilizados nele, além de também apresentar o ano em que este sintagma ocorreu. Devido ao fato desta pesquisa analisar apenas sintagmas orais, o foco para a aba de frequência volta-se para a seção *spok*.

⁴ Tradução autoral de: *Corpus of Contemporary American English*.



Figura 2 - Aba de frequência do COCA

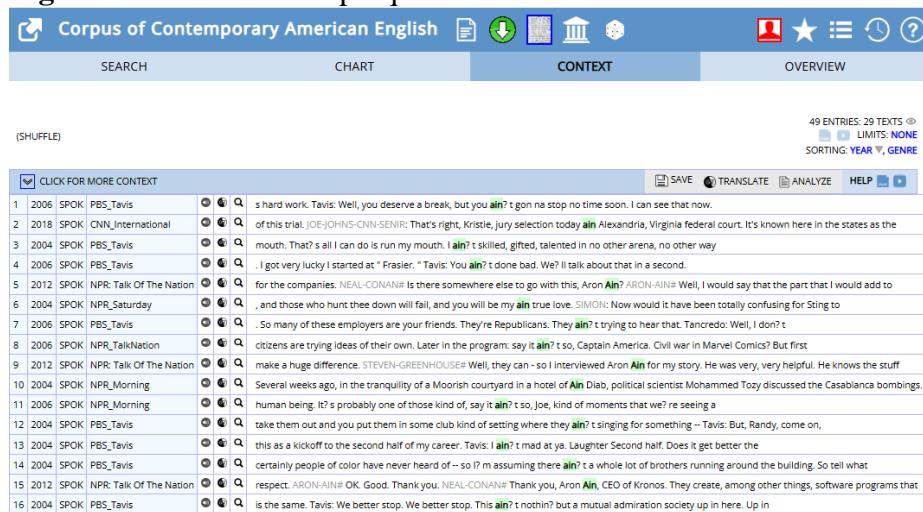


Fonte: COCA Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/>. Acesso em: 02 de maio de 2024.

É importante destacar que a frequência apresentada pelo site refere-se apenas ao excerto pesquisado. Isso significa que os resultados de frequência para alguém que busca por *it's* e alguém que busca por *it is* podem ser diferentes, pois o COCA oferece os resultados numéricos com exatidão ao que foi digitado na aba de pesquisa do *chart*.

Após o rastreamento, é feita a seleção dos excertos resultantes da busca no referido corpus segundo os contextos disponibilizados.

Figura 3 - Resultados de pesquisa do COCA.

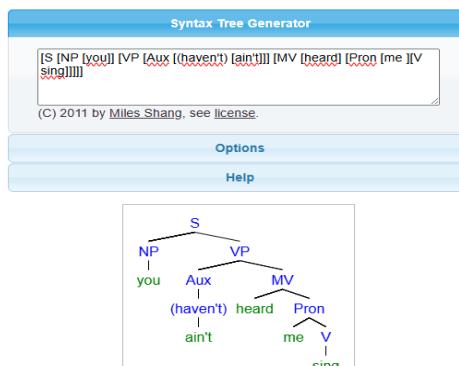


Fonte: COCA Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/>

Com a apresentação dos contextos feitos pelo COCA, foi realizada uma filtragem dos excertos disponibilizados. Essa ação foi necessária pois o corpus pode apresentar diferentes tipos de variações linguística e diferentes usos como em [1] *this ain nothin* e [2] *I interviewed Aron Ain for my story*, sendo *ain* no primeiro exemplo um sintagma de dupla negação e no segundo um substantivo, que não entra como objeto a ser discutido nesta pesquisa.

Como suporte para a análise mais detalhada dos sintagmas, considerando sua categorização sintática e suas posições nas sentenças, foi usado um gerador online de árvores sintáticas baseando-se nos estudos de Burton-Roberts (2022). A seguir, tem-se a interface do site com um exemplo de geração de árvore sintática.

Figura 4 - Interface do site gerador de árvores sintáticas.



Fonte: Syntax Tree Generator (2024). Disponível em mshang.ca.

2.3 Coletas de dados

Após o rastreamento realizado através do COCA, seguindo os passos descritos na última seção, foi executada a coleta de dados através dos resultados da busca disponibilizados pelo corpus de pesquisa. Para a seleção das sentenças voltadas para a análise sintática, foi necessário ler o contexto dos exemplos apresentados pelo site e selecionar aqueles que possuem características do IAA em relação a sua estrutura (Green, 2002). A partir de então, foi considerado o contexto da fala foi realizada para poder analisar e categorizar os sintagmas presentes em vista de características de natureza sintáticas sua constituição, movimento e posição final (Burton-Roberts, 2022; Green, 2002; Schilling & Wolfram, 2016).

2.4 Corpus da pesquisa

O corpus desta pesquisa consiste em sintagmas verbais orais coletados do COCA durante o período de coleta de dados — abril e maio do ano de 2024. A seleção criteriosa do corpus foi fundamental para garantir a qualidade e consistência dos dados analisados nesta pesquisa, permitindo uma abordagem fundamentada para a investigação de sintagmas frequentes no IAA. No quadro a seguir, é apresentado os sintagmas verbais orais utilizados como corpus de análise deste estudo.

Quadro 1 - Excertos coletados do COCA.

Excertos coletados
Oh, no, you <i>ain't heard</i> me sing?
This <i>ain't coming</i> from me
Talking loud but <i>ain't saying</i> nothing
She <i>be working out</i>
<i>This ain't nothing</i> but mutual admiration society up in here

Fonte: Provido pelos autores

2.5 Procedimentos e parâmetros da análise de dados

Com o corpus de pesquisa definido, foi realizada a descrição e categorização sintática dos sintagmas verbais encontrados considerando a movimentação dos constituintes na sentença. Essa movimentação foi analisada com base na posição dos constituintes na sentença e sua relação com o, o que nos leva à categorização, em que consideramos o papel sintático sendo exercido.

3. Resultados e Discussão

Os resultados coletados durante o período de análise apresentam sintagmas que tem como características gerais a neutralidade com respeito a: 1) tempo aspecto; 2) elisão de verbos auxiliares; 3) dupla negação e 4) marcador de tempo aspecto. A tabela a seguir apresenta os resultados encontrados e está dividida em: a) sintagma: apresentação do sintagma analisado; b) frequência: a ocorrência desse sintagma de acordo com o COCA; c) categoria: a categoria do sintagma analisado; e d) excerto: apresentação do excerto do qual o sintagma foi analisado.

Tabela 1 - Resultados.

Sintagma	Frequência	Categoria	Excerto
Be working out	31	Neutralidade em tempo-aspecto Elisão de verbos auxiliares	“She be working out”
Ain’t heard me sing	49	Marcador de tempo-aspecto Elisão de verbos auxiliares	“Oh, no, you ain’t heard me sing”
Ain’t saying nothing This ain’t nothing Ain’t coming	49	Dupla negação Negação	“Talking loud but ain’t saying nothing” “This ain’t nothing but mutual admiration society up in here” “This ain’t coming from me”

Fonte: COCA Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/>. Acessado em: maio de 2024.

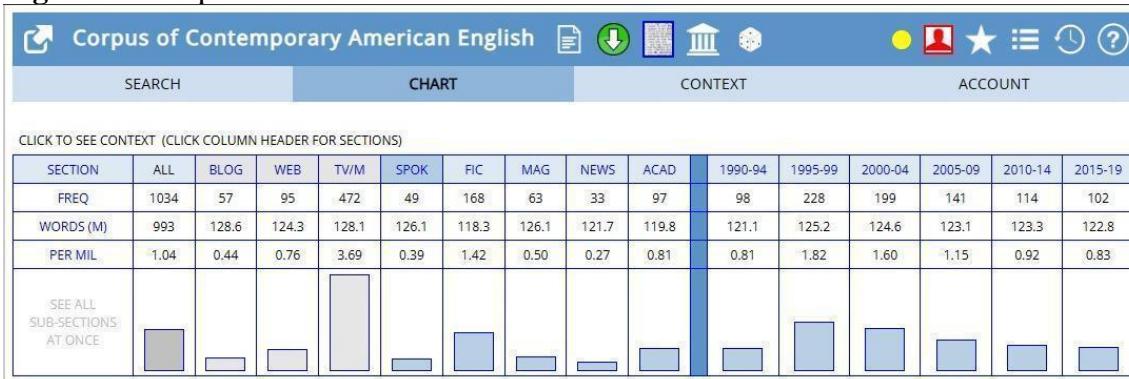
Esta seção será dividida em subseções para apresentação detalhada e discussão dos resultados considerando suas categorias.

3.1 O caso da partícula negativa AIN’T



Ain't é um elemento comumente usado no dialeto afro-americano, sendo marcador da forma negativa de verbos no IAA e podendo ocorrer em diferentes tempos verbais (GREEN, 2002). A figura abaixo, retirada do corpus linguístico COCA, apresenta a ocorrência com o qual essa partícula ocorre na oralidade da Língua Inglesa. Importante retomar que a plataforma não separa seus números de frequência por dialetos e que seus resultados apontam para o que foi exatamente digitado na barra de busca.

Figura 5 - Frequência de *ain*.



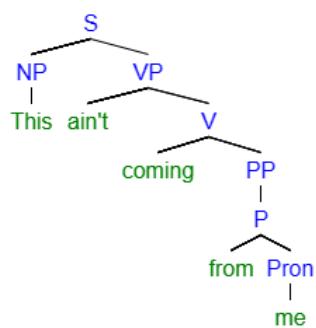
Fonte: COCA Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/> Acessado em: maio de 2024

Abaixo, observe os contextos retirados do COCA:

[1] *This ain't coming from me.*

Ain't funciona como elemento de negação no *present continuous*, ou seja, apresenta a ausência de uma ação que deveria ocorrer no momento. No excerto há a presença de um sintagma nominal (NP⁵), composto pelo substantivo demonstrativo *This*, que trabalha como sujeito da frase, e um sintagma verbal (VP⁶), que trabalha como predicado. O VP é formado por *ain't*, o verbo principal (MV⁷) *coming* e um sintagma preposicional (PP⁸) formado pela preposição *from* e o pronome *me*.

O elemento *ain't* nega o verbo principal da frase, resultando em um sintagma verbal de negação. Veja a árvore sintática abaixo e a segmentação do excerto com as categorias de seus constituintes para uma melhor representação das relações entre os constituintes.



⁵ Em inglês, *Noun Phrase*.

⁶ Em inglês, *Verb Phrase*.

⁷ Em inglês, *Main Verb*.

⁸ Em inglês, *Prepositional Phrase*.



Árvore sintática de [1]⁹

Segmentação: [S [NP This] [VP [ain't] [V [coming] [PP [P from [pron [me]]]]]]]

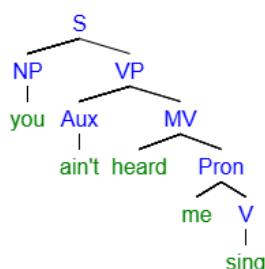
Algo semelhantemente parece ocorrer no excerto abaixo:

[2] *Oh, no, you ain't heard me sing?*

Ain't em [2] está negando um verbo conjugado no passado simples. Nesse sentido, *ain't* torna-se a forma negativa do tempo verbal em questão, marcando seu tempo-aspecto. Pelo contexto, é provável que o falante esteja fazendo uma pergunta voltada para uma ação ainda não realizada pela pessoa que o escuta.

Em [2] há a presença de um NP, composto pelo substantivo *you*, que trabalha como sujeito da frase, e um VP, que trabalha como predicado. O VP é formado pelo elemento de negação *ain't*, o verbo principal, *heard*, o pronome *me* e o verbo (V) *sing*.

Considere a seguinte árvore sintática que melhor representa [2]:



Árvore sintática de [2]¹⁰

Segmentação: [S [NP [you]] [VP [Aux ain't] [MV [heard] [Pron [me] [V sing]]]]]

3.1.2 A partícula AIN'T em dupla negativa

Ain't ocorre também em dupla negativas, característica recorrente no IAA. Green (2002) afirma que “uma regra prescritiva tradicional no inglês Americano geral diz que ‘dupla’ negativas são não gramaticais por que elas formam uma (frase) positiva”¹¹ (2002, p. 77) entretanto, essa afirmação parece não afetar a semântica do IAA. É possível verificar essa afirmação no contexto abaixo.

[3] *talking loud but ain't saying nothing*

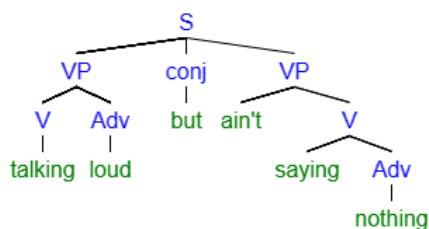
Em [3] é possível observar o VP1, formado pelo verbo principal *talking* e o advérbio (Adv) *loud*, sendo ligado através do conjunção (Conj) *but* ao VP2, formado pelo elemento de negação *ain't*, o verbo principal *saying* e o segundo elemento de negação *nothing*.

Na árvore sintática abaixo é possível observar a segmentação sintática do excerto com as categorias de seus constituintes. Com isso, é provável que haja uma representação mais coerente das relações sintáticas entre os constituintes.

⁹ Fonte: Syntax Tree Generator (2024). Disponível em mshang.ca.

¹⁰ Fonte: Syntax Tree Generator (2024). Disponível em shang.ca.

¹¹ Traduzido de: *A tradicional prescriptive ‘rule’ in general American English states that ‘double’ negatives are ungrammatical because they make a positive.* (Green, 2002. p. 77) Traduzido livremente pela autora em 09 de setembro de 2024.

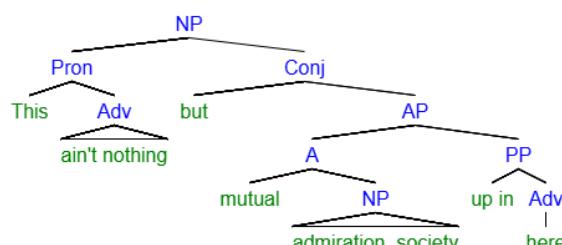


Árvore sintática de [3]¹²

Segmentação sintática: [S [VP [V [talking]] [Adv [loud]]] [conj [but]] [VP [ain't] [V [saying]] [Adv [nothing]]]]]

O mesmo fator ocorre no contexto abaixo, em que o NP é composto pelo pronome *This* e o PP, formado por dois elementos de negação, *ain't* e *nothing*. O NP é ligado pela conjunção *but* ao sintagma adjetival, formado pelo adjetivo (Adj) *mutual* e o NP *admiration society*, e pelo PP *up in* e o advérbio (Adv) *here*.

[4] *This ain't nothing but mutual admiration society up in here*



Árvore sintática de [4]¹³

Segmentação: [NP [Pron [This] [Adv^ ain't nothing]] [Conj [but] [AP [A mutual [NP^ admiration society]] [PP up in [Adv [here]]]]]]]

3.2 Construções com sintagma verbal Be

Duas características para o verbo *be* chamam a atenção de linguistas: o cópula zero e o *be* habitual (ou aspectual). O cópula zero é a ausência do verbo copular/auxiliador *be*. Enquanto o *be* habitual seria a presença do verbo para informar o sentido de hábito e de uma ação repetidamente feita (Wardhaugh e Fuller, 2015).

Assim, o enunciado “*They be throwing the ball*” (Eles estão jogando a bola) não significa que as pessoas em questão estejam (necessariamente) jogando uma bola no momento, mas que elas frequentemente se reúnem e jogam uma bola para frente e para trás. Isso difere em significado de “*They (are) throwing the ball*”, que indica algo que está acontecendo no momento atual. (Wardhaugh e Fuller, 2015. p. 48)¹⁴

¹² Fonte: Syntax Tree Generator (2024). Disponível em shang.ca.

¹³ Fonte: Syntax Tree Generator (2024). Disponível em shang.ca.

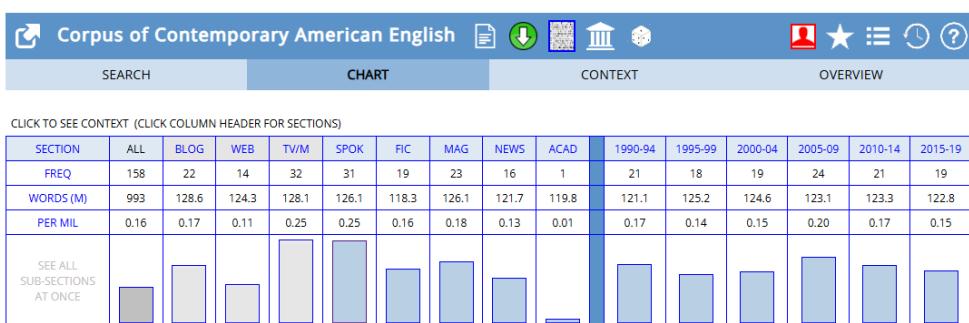
¹⁴ Tradução automática de “*Thus the utterance “They be throwing the ball” does not mean that the people in question are (necessarily) currently throwing a ball, but that they often get together and throw a ball back and forth. This differs in meaning from “They (are) throwing the ball”, which indicates something that is happening at the current time.*” realizada pela ferramenta DeepL Translate em 16/08/2024 com revisão e grifos autorais.



No IAA, este sintagma tem algumas características particulares, e uma delas é o fato ele “sempre ocorrer em sua forma não flexionada ou nua, de modo que nunca aparece como *is*, *am* ou *are*” (Green, 2002. p. 48), como na frase “*I be looking for somewhere to waste time*” em vez de “*I (am) usually looking for somewhere to waste time*” (Green, 2002).

Segundo a figura a seguir com dados extraídos do COCA, há uma maior ocorrência com o qual essa partícula ocorre na oralidade da Língua Inglesa. Importante retomar que a plataforma não separa seus números de frequência por dialetos e que seus resultados apontam para o que foi exatamente digitado na aba de busca, portanto, a frequência apresentada refere-se à pesquisa do sintagma *be working out*.

Figura 6 - Frequência de *be working out*.

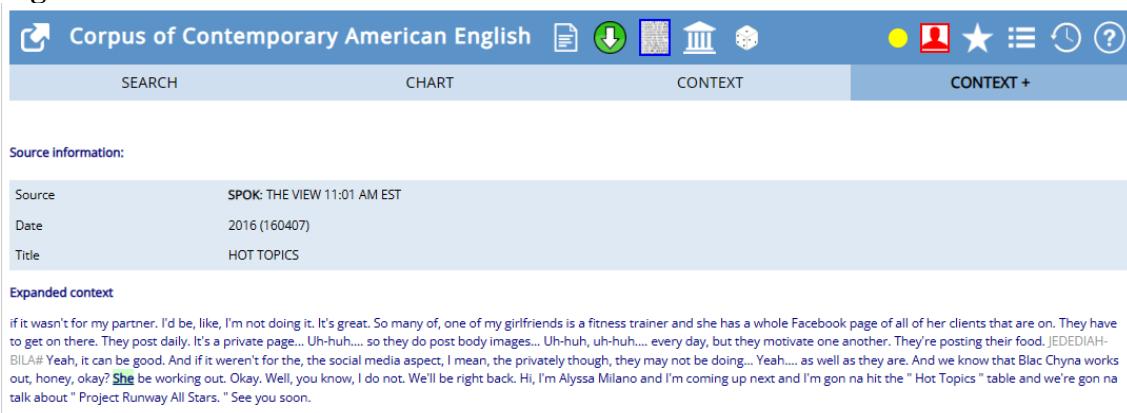


Fonte: COCA Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/>. Acesso em: maio de 2024.

3.2.1 Aspectual *Be*

Nesta subseção, será discutido sobre o VP de aspecto *be*, disponibilizado através da plataforma COCA (como a figura abaixo apresenta), que foi analisado como os outros sintagmas já discutidos neste trabalho.

Figura 7



Fonte: COCA Disponível em: <https://www.english-corpora.org/coca/>.

[5] *She be working out*

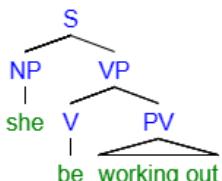
Em [5], percebe-se o que foi apresentado anteriormente: o verbo *be* não conjugado, demonstrando a ideia de frequência. *She be working out* refere-se a uma entidade que exerce



essas atividades regularmente. Portanto, é possível considerar que *be* está sendo usado para marcar uma ação que é feita repetidamente (Wardhaugh e Fuller, 2015).

Na representação sintática da sentença apresentada acima, tem-se o NP *She* e o VP, formado pelo verbo principal *be* e o verbo frasal *working out*.

Veja abaixo a representação de [5]:



Árvore sintática de [5]¹⁵

Segmentação: [S [NP [she]] [VP [V [be]] [PV^ working out]]]

Conclusão

Este artigo buscou analisar e categorizar sintagmas recorrentes encontrados na oralidade do IAA através de uma busca feita a partir do corpus linguístico COCA. Seu principal objetivo foi a investigação de padrões sintáticos no IAA. De modo mais específico, a identificação, descrição e categorização desses sintagmas, considerando sua categorização sintática.

Inicialmente, a discussão abordou questões sociolinguísticas acerca de dialetos. Neste sentido, voltou-se a atenção para como as variações linguísticas de uma língua são socialmente vistas. Em seguida, foi apresentado possíveis origens do IAA e debates quanto às suas características sintáticas, lexicais e fonéticas.

Para os resultados, foram encontrados dois sintagmas verbais: *be* e *ain't*. No sintagma *be*, foi encontrado em sua neutralidade de tempo-aspecto, considerando a inflexão verbal, e a elisão do verbo auxiliar para a sentença *she be* (has been) *working out*. No caso de *ain't*, ele foi encontrado como elemento de negação do verbo principal e esteve presente também em sentenças com dupla negação, característica recorrente no IAA.

Este estudo pode contribuir para uma visão mais ampla quanto a variantes de menor prestígio, ampliando também a conscientização de outras formas linguísticas além da norma padrão. A utilidade deste torna-se maior considerando o contexto de formação e ensino de professores de Língua Inglesa, tornando os alunos e professores lúcidos de características estruturais acerca do IAA. Entretanto, este estudo apresenta limitações, considerando a falta de ampliação do corpus de pesquisa para outros sintagmas recorrentes no IAA, e a ausência de questões semântico-pragmáticas.

Futuros estudos podem ampliar o corpus de pesquisa juntamente com a discussão, considerando questões semântico-pragmáticas que visem compreender como os usuários do IAA fazem uso dessas estruturas sintáticas em função dos usos de seus respectivos contextos.

Referências

¹⁵ Fonte: Syntax Tree Generator (2024). Disponível em mshang.ca.



BURTON-ROBERTS, N. **Analyzing Sentences: An Introduction to English Syntax**. New York e Oxon: Routledge Taylor & Francis Group. Fifth Edition. 2022.

FERNANDES, M. **Tipos de sintagma**. Toda Matéria, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/sintagma/>. Acessado em: 16 ago. 2024.

GREEN, Lisa. **African American English: a linguistic introduction**. Cambridge University Press, 2002.

MANÉ, Djiby. As concepções de língua e dialeto e o preconceito sociolinguístico. **Via Litterae: Revista de Linguística e Teoria Literária**, v. 4, n. 1, p. 39-51, 2012.

MOREIRA, H.; CALEFFE, L. G. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2006.

NASCIMENTO, Gabriel. **Racismo linguístico**: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Rio de Janeiro: Editora Letramento, 2020.

TRUDGILL, P., HANNAH, J. **International English: A guide to the varieties of Standard English**. Londres e Nova York. Routledge Taylor & Francis Group. Fifth Edition. 2013.

WARDHAUGH, R; FULLER, J.M. **An Introduction to Sociolinguistics**. UK e USA. Wiley Blackwell. Seventh Edition. 2015.

WOLFRAM, Walt; SCHILLING, Natalie. **American English: Dialects and Variation**. Sussex: Blackwell, 2016.